

Dicionário infantil bilíngue Terena – observações e apontamentos

Caroline Pereira de OLIVEIRA¹
Rogério Vicente FERREIRA²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar um dicionário de língua indígena, mais especificamente, uma dissertação de mestrado de cunho lexicográfico intitulada “O Léxico da Língua Terêna. Proposta do Dicionário Infantil – Bilíngue Terêna-Português”, defendida em 2005 no âmbito da Universidade de Brasília (UnB). Nossa proposta de análise dá-se, basicamente, da forma estrutural do dicionário – sua macro e microestrutura – (SVENSÉN, 2009; BARTHOLOMEW & SCHOENHALS, 1983; BARBOSA, 1993; LANDAU, 1989), bem como da explanação dos recursos linguísticos da língua terena apresentados ao longo da referida dissertação (BUTLER & EKDAHL, [1979] 2012; Bendor-Samuel, 1960, 1961, 1962, 1963, 1966), além, também, de concepções de linguagem e de educação, uma vez que este trabalho lexicográfico tem como principal objetivo seu uso em escolas situadas em área Terena por crianças dessa etnia.

Palavras-chave: Língua terena (arawak); Dicionário; Análise lexicográfica.

Abstract: This study aims at analyzing a dictionary of an indigenous language, more specifically, it reviews a lexicographic dissertation entitled “O Léxico da Língua Terêna. Proposta do Dicionário Infantil – Bilíngue Terêna-Português”, defended in 2005, within University of Brasília (UnB). Our analysis argues, basically, on the structural form of the dictionary – macrostructure and microstructure – (SVENSÉN, 2009; BARTHOLOMEW & SCHOENHALS, 1983; BARBOSA, 1993; LANDAU, 1989), as well as on the explanation of linguistic resources of the terena language presented along the dissertation (BUTLER & EKDAHL, [1979] 2012; Bendor-Samuel, 1960, 1961, 1962, 1963, 1966), and also conceptions of language and education, since the main objective of the work referred (to), is its use at Terena schools.

Keywords: Terena language (arawak family); Dictionary; Lexicographical analysis.

Apresentação

Este trabalho tem como objetivo analisar um dicionário de língua indígena, mais especificamente, uma dissertação de mestrado de cunho lexicográfico intitulada “O Léxico da Língua Terêna. Proposta do Dicionário Infantil – Bilíngue Terêna-Português”, defendida em 2005 no âmbito da Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas.

A dissertação é composta por 7 (sete) capítulos, além da

1 Doutoranda em Linguística da Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP. Correio eletrônico: olivcaroline@gmail.com.

2 Doutor em Linguística. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campinas – SP. Correio eletrônico: rogmatism@gmail.com.

introdução e conclusão. Exporemos algumas considerações acerca das informações que cada um deles apresenta. O último capítulo é o dicionário terena-português proposto pela autora, composto por 2750 (dois mil setecentos e cinquenta) diferentes entradas, que será analisado na segunda parte de nosso texto.

O título do trabalho nos chama bastante atenção, uma vez que se apresenta como um dicionário infantil bilíngue. A autora afirma, primeiramente, ainda na introdução de seu trabalho, na pág. 3, que a proposta é de um dicionário infantil uma vez que os prováveis usuários sejam os alunos de escolas inseridas nas aldeias terena. Encontramos também, no capítulo 5 (cinco), pág. 55, uma alusão que justifica a necessidade e a importância de seu trabalho para as escolas previamente citadas.

Há, aqui, a nosso ver, um problema epistemológico. O que faz um dicionário ser considerado infantil? O que caracteriza um dicionário infantil? Entendemos que, minimamente, o 'mundo' e as relações que envolvem a infância precisam ser observadas, em especial, neste caso, a infância indígena, assim como a preocupação com o próprio conteúdo, no caso, as entradas lexicais, que precisam fazer parte deste contexto. Os materiais didáticos também precisam seguir orientações específicas (cf. GRUPIONI, 2006; ARAÚJO, 2006; LUCIANO, 2006) e, além disso, o dicionário em questão é direcionado a crianças de comunidades étnicas minoritárias, o que por si só requer olhares socioculturais diferenciados. De acordo com Rodrigues (2005), uma vez que os povos indígenas são culturalmente muito diferentes de nós, para trabalhar com a sua língua, o linguista precisa de uma percepção etnológica, razão por que sua pesquisa é também denominada etnolinguística.

O bilinguismo, por meio da proposta do dicionário em questão ser 'bilíngue terena-português', e todos seus desdobramentos, não pode ser caracterizado apenas por apresentar entradas lexicais em língua terena e suas respectivas correspondentes em língua portuguesa. É preciso explorar questões semânticas, inclusive, de cunho antropológico, dos termos linguísticos que fazem parte da vida dos que residem e vivem em aldeias indígenas terena, i.e., pertencentes à cosmovisão deste povo.

Como sabemos, as línguas refletem a cosmovisão e aspirações dos seus falantes, principalmente no léxico. Uma vez que o estudo lexicológico e o trabalho lexicográfico dependem, entre outros fatores,

do saber semântico, compilar um dicionário inclui, entre outras coisas, estudar o significado das palavras. O ideal seria que a pesquisadora conhecesse os modelos taxionômicos do povo terena para não incorrer em equívocos que comprometessem a qualidade da obra. Vejamos, então, a maneira como o trabalho que aqui analisamos é apresentado.

O primeiro capítulo apresenta informações acerca do Povo e da Língua Terena. A autora percorre a história de contato desse grupo com a sociedade majoritária, bem como a historiografia – de forma sucinta – de estudos de línguas indígenas brasileiras e, mais especificadamente, da família Arawak.

Outro aspecto que encontramos na primeira parte do trabalho em questão é o que se refere às especificações socioculturais terena, como localização, costumes, estratificação social, alguns ritos, algumas lendas, apontamentos sobre a arte em cerâmica, cestaria e tecelagem, culinária. Todos esses pontos são apresentados de forma bastante resumida.

O capítulo dois trata da metodologia do trabalho em que a autora relata informações acerca de como se deu seu envolvimento com a pesquisa proposta, assim como os caminhos percorridos por ela para a realização de sua pesquisa.

O terceiro capítulo é intitulado *Fonologia e Morfofonologia*. Aqui encontramos um resumo dos trabalhos de Bendor-Samuel (1961) *An outline of the grammatical and phonological structure of Terêna: Part 1 and Part 2*.

O quarto capítulo trata da gramática da língua Terena. A autora utiliza Katamba (1994), Spencer (1991) como bases teóricas para argumentar sobre os exemplos da língua terena inseridos em cada um de seus apontamentos, a saber: estrutura das palavras – prefixos flexionais, prefixos derivacionais, sufixos derivacionais, sufixos flexionais; flexão e classe de palavras – gênero, número, formação de pessoas; classes nominais – formação de nomes alienáveis possuídos, frases nominalizadas, pronomes, pronome com ênfase no sujeito ou no objeto, pronomes interrogativos, demonstrativos, reflexivos, possessivos; verbos – verbos principais, derivação verbal; formas de negativo. Toda essa parte do trabalho é apresentada em 13 (treze) páginas e, em sua maioria, sem constar exemplos referentes a cada item abordado.

Vale ressaltar que o trabalho lexicográfico de uma língua, em

especial de língua ameríndia ainda não descrita de forma extensa e detalhada, precisa ter aporte teórico e, minimamente, de uma gramática, em vista de ser possível observar as classes de palavras, as partes do discurso e seus sistemas etc. Entendemos que a autora se pautou nos trabalhos de Bendor-Samuel (1960, 1961, 1962, 1963, 1966) de descrição de língua, em sua maioria com relação à fonologia da língua terena, além dos trabalhos de Ekdahl e Butler ([1979] 2012) para a confecção de seu trabalho, uma vez que este não avança em termos de estudos gramaticais em relação aos previamente citados.

O quinto capítulo – Léxico e Dicionário – esboça um curto histórico da lexicografia e sua tipologia. Também apresenta uma seção chamada *Bilinguismo* que, de acordo com a autora, é o resultado de um “confronto do latim clássico e as línguas vulgares” (Almeida, 2005, p. 51), além de esboçar brevemente o que é um dicionário bilíngue e a justificativa por ter escolhido este tipo de dicionário para ser desenvolvido. A autora explica que acredita ser seu trabalho de grande valia para os alunos terena de escolas situadas nas comunidades desta etnia.

“O Dicionário Terêna” é o nome do sexto capítulo em que a autora apresenta algumas características e opções teóricas adotadas como, por exemplo, o uso do software *ZTermino* que, segundo a pesquisadora, “demonstrou perfeito ajuste às necessidades linguísticas da língua terena” (Almeida, 2005, p. 57), apesar de não discorrer acerca destas necessidades, nem ao menos apontá-las e explicá-las. Além disso, com relação à macroestrutura, há também referência sobre a escolha da ordem das entradas do dicionário, tendo sido escolhida a ordem alfabética, comum à grande maioria dos dicionários, enquanto que sobre a microestrutura o trabalho de Faulstich (2003) é utilizado como base de apoio teórico, composto de +entrada +categoria gramatical definição ± equivalência em português ± remissiva.

Ainda sobre a microestrutura, as classes gramaticais são apresentadas logo após a entrada lexical; os empréstimos linguísticos bem como os neologismos também foram contemplados e inseridos no dicionário. A equivalência para cada item lexical buscou-se, de acordo com a autora, dispor uma tradução em língua portuguesa, mas quando isso não se mostrou possível, optou-se por uma tradução aproximada.

Diante deste breve levantamento e comentário sobre o trabalho

analisado, optamos por visitar alguns estudos e teorias acerca da lexicografia, seção que apresentamos a seguir.

Trabalhos Lexicográficos – algumas características

Os trabalhos lexicográficos podem ser entendidos, por exemplo, como os vocabulários, glossários e dicionários. Barbosa (1993) discorre que os vocabulários representam um inventário lexical mais restrito que o de um dicionário. Tal inventário busca ser representativo de um universo discursivo, que compreende por sua vez discursos manifestados, pelo menos, e configura uma norma lexical discursiva. Apresentam, assim, somente as palavras com suas respectivas traduções, sem nenhuma informação morfológica e pragmática.

A referida autora também discute algumas características dos glossários que são constituídos por uma coletânea de palavras de um texto específico ou de um autor, com ou sem definições breves, e que podem vir afixados a um livro ou a um artigo. É uma fonte de conhecimento de um determinado *corpus* de subáreas da língua geral ou especial, ou de palavras e frases obscuras, e pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado. Da mesma forma que os vocabulários, os glossários não apresentam informações morfológicas.

Por outro lado, os dicionários, segundo a pesquisadora, são mais completos, pois carregam o léxico de uma língua. Suas compilações devem selecionar quais as unidades básicas do léxico que servem como entrada; o significado dos lexemas e como defini-los; qual a extensão e tipo da informação fornecida sobre a palavra (campos semânticos) e se o procedimento é semasiológico (descritivo, trata dos sentidos) ou onomasiológico (normativo, trata das designações).

Segundo Landau (1989), os dicionários podem ser classificados por muitos critérios. Porém, não há um padrão sobre a taxonomia de dicionários. De acordo com a classificação de Malkiel (*apud* LANDAU, 1989), eles podem ser diferenciados por três categorias: variedade, perspectiva e apresentação.

A variedade refere-se ao tamanho e ao escopo do dicionário: trata-se de cobrir ou não todo o léxico. Tal variedade é chamada de 'qualidade da densidade'. Quando se trata de um dicionário que abrange

todo o léxico de uma língua é impossível estabelecer a variedade, pois não há como saber a extensão total desse léxico. Porém, quando o léxico é limitado a um trabalho específico, de parte do léxico da língua, como da fauna, por exemplo, a variedade pode ser estabelecida.

Outro aspecto da variedade é o número de línguas compreendidas: ele pode ser monolíngue, bilíngue, trlíngue ou multlíngue (às vezes chamado plurilíngue). Um terceiro aspecto da variedade é a extensão da concentração nos dados lexicais, ou seja, se ele é caracteristicamente enciclopédico.

A perspectiva é baseada em como o compilador vê o trabalho e o que aproximadamente ele faz. Primeiro, se o trabalho é diacrônico ou sincrônico. Segundo, como ele é organizado: alfabeticamente, por sons, como em um dicionário de ritmos, ou por conceitos.

O dicionário que nos propusemos analisar é de tipo bilíngue. Vejamos, então, algumas características desse tipo de trabalho.

Dicionários Bilíngues – breves observações

Com relação aos tipos de dicionários bilíngues verificamos sua direção: unidirecionais (monodirecionais) ou bidirecionais. No segundo caso, Landau (1989) afirma que há, de fato, dois dicionários.

Há, também, dicionários em que as palavras são traduzidas em duas outras línguas (dicionários trlíngues) ou em mais que duas outras línguas (multlíngues/plurilíngues). De acordo com o autor, muitos lexicógrafos têm observado que, em vários casos, é impossível construir um dicionário bilíngue unidirecional, pois não será satisfatório para o consulente de nenhuma das línguas. Isso se dá porque, de acordo com o autor, frequentemente não há equivalências na língua alvo para as palavras na língua fonte, não somente nas palavras óbvias de fauna e flora, como as das línguas indígenas, mas também em relação a muitas outras. Muitas delas são específicas (ou culturais), como os termos sociais (de parentesco), ou palavras da culinária, da política ou da religião. Assim, tais palavras requerem traduções aproximadas. A perda de equivalência é particularmente forte quando as duas línguas pertencem a culturas que se diferem muito em relação a suas bagagens culturais, mas também ocorre ainda que esse fato nos surpreenda, frequentemente, em culturas semelhantes. Tal perda afetará o dicionário bilíngue.

Passamos então a observar, na próxima seção, a análise da estrutura do trabalho de Marlene de Brito Kling Almeida, proposta de dicionário terena infantil bilíngue.

“O léxico da língua terena, proposta do dicionário infantil – bilíngue terena-português”: uma análise estrutural

Este texto se propôs fazer uma análise estrutural do dicionário de Almeida (2005). Para tanto, pautamo-nos em critérios propostos por Landau (1989) para a classificação do referido trabalho.

Classificação

1. Variedade: - Número de línguas: duas (bilíngue)
 - Extensão da concentração: não-enciclopédico

2. Perspectiva: - Trabalho sincrônico
 - Organização: ordem alfabética

3. Apresentação: - Definições: algumas são amplas
 - Forma dos verbos: não definido

4. Tipos de dicionários bilíngues: - Direção: unidirecional
 - Propostas: infantil bilíngue

5. Macro- e microestruturas
 - Macroestrutura:** Relações de significado são trabalhadas no dicionário a polissemia (em algumas glosas) e a sinonímia.
 - Microestrutura:** Conjunto de informações que seguem as palavras: dá a classe gramatical de cada palavra, explicações semânticas. Há indicações de neologismos e de empréstimos.
 - Sistema de remissivas: possui um sistema de remissivas indicando palavras relacionadas.

6. Análise da tradução: na maioria das glosas, a tradução não é direta, pois há explicações sobre as palavras, não só o significado em português.

7. Características do trabalho como um todo:

- a) Agradecimentos
- b) Resumo/Abstract
- c) Índice
- d) Introdução
- e) Capítulos da dissertação
- f) O dicionário básico terena-português
- g) Conclusões
- h) Bibliografia

Exemplo de verbetes encontrados em Almeida, 2005: (1) Pg.91; (2) Pg.106 e (3) P.g 145.

- (1) **ikárara'ikovo**,vc. fazer com que fique indisposto, fraco amoadado. V rará'iko.
- (2) **karára'ikoa**,vt. tornar-se indisposto, fraco, amoadado. V. ikárara'ikovo.
- (3) **rará'iko**,vt. estar indisposto, fraco, amoadado. V. karára'ikoa.

Entendemos que o dicionário em questão apresenta, como podemos perceber nos exemplos acima, alguns problemas com relação à remissiva, uma vez que ela faz uso de palavras derivadas e que, provavelmente, a palavra base estaria mais próxima à exposta no exemplo (3), pg. 145, já que é a partir dela que as outras duas entradas exemplificadas (1) e (2) foram formadas. Supomos que a raiz fosse algo como `rará', e as formas apresentadas nas entradas são palavras derivadas, mas não há nenhuma discussão ao longo do trabalho sobre esse tipo de formação, além da entrada também não informar mais nada além da tradução do vocábulo aí descrito.

As formas verbais também nos chamam a atenção. A língua terena apresenta distinções entre verbos de diferentes classes. Essas classes estão relacionadas com a consoante temática presente em cada um dos verbos. Butler e Ekdahl ([1979] 2012) apontam a necessidade em examinar mais de uma forma de dada palavra para determinar se os verbos pertencem à classe A- ou -XO. De acordo com as autoras, a maior parte dos verbos da classe A- é de elementos descritivos estativos que ocupam o lugar de predicado nas cláusulas intransitivas, enquanto que os verbos transitivos da classe -XO levam o sufixo -x ou -k seguidos pelo sufixo -o (por isso esta classe é chamada de -xo). As explicações acerca das classes verbais em terena precisam ser apresentadas no dicionário, porém Almeida (2005) se restringiu

apenas a apontar a classe gramatical verbal em suas glosas, como, por exemplo, nas entradas a seguir.

Pg. 121

(4) **mapû'i**,n. tangerina

(5) **mapú'iko**,vc. tirar a casca da laranja.

Os exemplos (4) e (5) também apresentam um problema com relação à formação de palavra, mais especificamente. De acordo com Butler e Ekdahl ([1979] 2012), 'ko' é um afixo modificador de classe, sendo um elemento que transforma nomes em verbos; verbos intransitivos da classe A- em transitivos da classe -XO; raízes verbais em verbos transitivos e verbos transitivos em causativos. Esse afixo, ainda de acordo com as autoras, pode ser classificado segundo o resultado efetuado por ele, como verbalizador, transitivizador ou causativizador. Em (5) entendemos que pode ocorrer uma verbalização a partir da ação de descascar tangerina/laranja através do sufixo -ko, o que nos perguntamos é se esse morfema está desempenhando apenas a função de verbalizador ou se ele também tem outra função, como, por exemplo, indicação da ação de tirar a casca de algo, mas para tanto precisaríamos saber como é "descascar mandioca", tirar pele de animal, etc.

Em nossa opinião, para evitar problemas desse tipo, seria interessante apresentar como entrada no dicionário o afixo '-ko', o que conforme Bartholomew e Schoenhals (1983) pode ser apropriado a fim de facilitar ao usuário o entendimento dos componentes das palavras.

Um ponto que salientamos é o fato de, conforme Almeida (2005), por se tratar de um 'dicionário infantil', os verbos auxiliares estativos e ativos não terem sido inseridos na classe gramatical do dicionário em questão. A pesquisadora não apresentou nenhuma discussão que demonstrasse o motivo pelo qual fez essa opção. Entendemos que as possibilidades de interpretação das entradas só são configuradas a partir da exposição e exploração gramatical dos itens em questão. Dessa forma, e mais uma vez, reforçamos a ideia de que, para um trabalho lexicográfico, faz-se necessário conhecimento acerca do funcionamento da língua a ser trabalhada.

Spanghero (2011) reforça essa afirmação uma vez que a forma tradicional das entradas verbais é o infinitivo e dos substantivos e

adjetivos é o masculino singular, como se tem visto nos dicionários de línguas em geral. Porém, para se chegar à forma infinitiva, deve-se isolar o radical dos demais morfemas. Para os nomes, as flexões de gênero, número e grau, por exemplo, são percebidas também por meio de uma análise morfológica. Faz-se necessário, no entanto, observar as especificidades da língua em questão, ou seja, é preciso observar se, por exemplo, é possível estabelecer em terena a forma infinitiva dos verbos, além de apontar no dicionário esta reflexão. Svensén (2009), com relação às diferenças de formação de línguas distintas, aponta que os diferentes sistemas linguísticos se manifestam de várias formas e, portanto, tal informação precisa ser debatida e apresentada.

Outro aspecto que nos chama a atenção é a apresentação da classe de palavras logo após o lema, separada sem espaço por meio de vírgula, situação não encontrada em vários outros dicionários de línguas indígenas³. Spanghero (2011) aponta que uma das questões com a qual o dicionarista se depara é sobre arrolar ou não no dicionário os morfemas da língua. Para resolvê-la é necessário, primeiramente, ter uma descrição gramatical da língua e, em segundo lugar, ter uma postura teórica a respeito do que significa o 'léxico de uma língua'.

Almeida (2005) também apresenta *fr. v.* 'fraseologismo verbal' dentre as classes de palavras. Observamos que, no entanto, há dois tipos de exemplos para esta situação presente no trabalho em questão.

Almeida, 2005, p. 124

(6) **moéheveuxo**, *fr. v.* arrastar-se, pernas fracas, incapaz de caminhar.

Almeida, 2005, p. 78

(7) **éyexovo okóvo**, *fr. v.* estar orgulhoso.

Diante dos exemplos (6) e (7) entendemos que há incongruência em relação ao que de fato seja um fraseologismo verbal, uma vez que em (6) ele se apresenta na glosa em língua portuguesa e não na entrada como em (7). Percebemos também que esta é a situação para a grande maioria das entradas e glosas cuja caracterização gramatical

3 cf. ALVES, Poliana Maria. **O Léxico do Tuparí**. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2004. SILVA, Gino. F. **Construindo um Dicionário Parakanã-Português**. Belém, 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará; WEISS, Helga E. **Para um dicionário da língua kayabí**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo. 1998; FERREIRA, Vitória Regina Spanghero. **Estudo lexical da língua matis-subsídeos para um dicionário bilíngue**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.)

seja o 'fraseologismo verbal' em questão. Entendemos, no entanto, que a discussão do que venha a ser 'fraseologismo verbal' se faz necessária antes mesmo de ser utilizada no corpo do dicionário. Tchobánova (2005) discute diferentes tipos de fraseologismos em língua portuguesa. Fica-nos claro que é preciso conhecer o funcionamento da língua e assim dos itens lexicais para ser possível identificar se o que se supõe fraseologismo o seja de fato ou não. Tomemos (7) como exemplo. O que nos indica que 'éyexovo okóvo' seja um fraseologismo? Qual foi o parâmetro para tal classificação?

Entendemos que o envolvimento de membros da comunidade na confecção de dicionários de línguas ameríndias seja algo de grande valia, tanto para o processo lexicográfico propriamente dito como também por ser uma forma de tornar a confecção do dicionário algo inerente à vida da comunidade, da escola, de professores e também de seus alunos. Ogilvie (2011) aborda que, inclusive, a relevância para a comunidade deve ser levada em consideração, além de que os Mestres – geralmente os falantes conhecedores da língua – também devam ser consultados. Essa preocupação não é encontrada no trabalho que aqui analisamos, a não ser quando a autora afirma ter buscado informações com *purutuya*⁴ sobre a língua terena (cf. Capítulo 2, pp. 25-26), o que também não caracteriza buscar parceria com a comunidade.

Essa parceria poderia ter colaborado, por exemplo, com a inclusão de frases em língua terena e sua correspondente em língua portuguesa que contextualizassem as palavras apresentadas nas entradas. Não há esse recurso ao longo de todo o dicionário.

Conclusão

O dicionário em questão apresenta diversos 'problemas'. Levantamos ao longo de nosso texto pontos que julgamos vinculados à estrutura do trabalho, muito embora problemas conceituais também sejam capazes de refletir estruturalmente em uma obra lexicográfica. Novamente apontamos que o dicionário requer conhecimento do funcionamento da língua, conhecimento este que vai além de suposições e/ou breves observações. É preciso imersão nos dados, conferência de dados, interação com falantes de diferentes aldeias, haja vista que a pesquisa em questão trata da dicionarização de uma língua ameríndia,

⁴ *Purutuya* em terena significa não-indígena, homem branco.

ainda pouco descrita e falada por mais de 16 mil pessoas.

De forma geral, o trabalho de Almeida (2005) busca colaborar com a educação escolar indígena terena, objetivo por ela ressaltado por mais de uma vez ao longo de sua dissertação. Apesar de seus problemas, entendemos que, caso haja ajuste no trabalho em questão, é possível que ele possa sim atingir seu objetivo junto às escolas das aldeias terena.

Referências

ALMEIDA, M. B. K. **O Léxico da Língua Terêna**. Proposta do Dicionário Infantil – Bilíngue Terêna-Português. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília - UnB, 2005.

ARAÚJO, Ana Valéria (Org.). **Povos Indígenas e a Lei dos Brancos: o direito à diferença**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

BARBOSA, M. A. **Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras Lexicográficas**. Publicação da Comissão Especial de Terminologia, São Paulo: ABNT/IBICT, 1993.

BARTHOLOMEW, D. A; SCHOENHALS, L. C. **Bilingual Dictionaries for Indigenous languages**. Cidade do México: SIL, 1983.

BENDOR-SAMUEL, J. T. **Some problems in segmentation in the phonological analysis of Terêna**. Word 16, No. 3, pp. 348-355, 1960.

_____. **An outline of the grammatical and phonological structure of Terêna: Part 1 and Part 2 Grammar**. ms.1961.

_____. **Stress in Terena. Transactions of the Philological Society**. p. 105-123, 1962.

_____. **A structure-function description of Terena phrases**. Canadian Journal of Linguistics 8: 59-70, 1963.

_____. **Some prosodic features in Terena**. In C. E. BAZELL (ed.). In memory of J. R. Firth. pages 30-39. London: Longmans, 1966.

BUTLER, N. E.; EKDAHL, E. M. **Aprenda Terena**. vol 1. ed. revisada. Anápolis: SIL, [1979] 2012.

GRUPIONI, L. D. B. (Org.). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

KATAMBA, F. **English Words**. London: Routledge, 2004.

LANDAU, S. I. **Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography**. Cambridge, 1989.

FAULSTICH, E. **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia**. Porto Alegre: UFGRS, 2003.

LUCIANO, G. dos S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

OGILVIE, S. **Linguistics, Lexicography, and the Revitalization of Endangered Languages**. *International Journal of Lexicography*, Vol. 24, No. 4, 2011, pp. 389-404.

SPENCER, A. **Morphological Theory: An introduction to Word Structure in Generative Grammar**, 1991.

SVENSÉN, B. **A handbook of Lexicography. The Theory and Practice of Dictionary-Making**. Cambridge: CUP, 2009.

SPANGUERO, V. R. **A Gramática na Elaboração de Dicionários Bilingües de Línguas Brasileiras**. 2011. (mimeo).

TCHOBÁNOVA, I. B. **Tipos de fraseologismos na língua portuguesa**. ACTAS I del IX Simposio Internacional de Comunicación Social. Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, 2005, p 450-452.

Recebido em 25 de fevereiro de 2013.

Aceito em 01 de julho de 2013.